

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

E

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga egreja do Largo do Carmo

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

N.º 11

SUMMARIO

Sessão extraordinaria d'esta Real Associação, presidida por S. Magestade o Senhor D. Fernando para a distribuição das medalhas pag. 161. — *Os Dolmens*, pelo socio o sr. Sá Vilella, pag. 164. — *Antiguidades romanas*, museu nacional de Napoles, capitulo de um livro inedito, pelo socio o sr. visconde de Benalcanfôr, pag. 166. — *O Dolmen de Gontinhães*, (estampa n.º 16), e sua descrição, pelo socio o sr. Cezario Augusto Pinto, pag. 169. — *Epigraphia*, inscrições romanas de Leiria, pelo socio correspondente o sr. Victorino da Silva Araujo, pag. 169. — *Noticia dos Architectos antigos e modernos de maior nomeada*, pelo socio J. da Silva, pag. 173. — *Inscrição Arabe*, (estampa n.º 17), pag. 174. — *Noticia dos órgãos da Real Basilica de Mafra*, pelo socio correspondente o sr. Joaquim da Conceição Gomes, pag. 174. — *Chronica* — *Offerta por S. Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando do busto com a sua effigie*, pag. 175. — *Inauguração da estatua de Mr. de Caumont, em França*, pag. 176. — *Objectos etruscos de bronze*, pag. 176. — *Janella antiga de sacada no estylo da renascença*, pag. 176, pelo socio J. da Silva.

SESSÃO EXTRAORDINARIA E SOLEMNE

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Em 14 de junho de 1876

Tendo Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando, Augusto Protector e Presidente Honorario, designado o dia 14 de junho, ás 2 horas da tarde, para serem distribuidas pelas suas reaes mãos as medalhas, que a Real Associação havia approvado para se conferirem a tres dos seus socios em recompensa de importantes publicações e serviços artisticos e scientificos; á mesma hora marcada entrou Sua Magestade na sala das sessões, sendo acompanhado pelos Presidentes do Conselho e pelos das tres secções até á cadeira da presidencia. Durante este tempo a orchestra tocou o hymno d'El-Rei, cessando de tocar apenas Sua Magestade declarou estar aberta a sessão. Estavam presentes muitos socios e as pessoas convidadas para esta reunião, assim como o sr. ministro do reino.

Sua Magestade manifestou quanto lhe era agradavel tomar parte n'esta sessão em que se conferiam medalhas, que pela primeira vez esta associação votára por serviços importantes, pois que sempre estimava ver em Portugal progredir as artes e as sciencias, e assim

prezava ter esta nova occasião de mostrar quanto anhelava pelo seu desenvolvimento, e approvava a iniciativa tomada pela nossa associação. Concedeu a palavra ao socio fundador o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, o qual leu a seguinte

ALLOCUÇÃO

SENHORES:

Ha factos na existencia das nações, que ficam assinalados na historia como testemunhos innegaveis do seu engrandecimento, e da sua civilisação. — Muitos d'elles comtudo têm dimanado da alta sabedoria dos chefes superiores do Estado. Não necessito de procurar exemplos estranhos para demonstrar esta verdade, onde alguns dos monarchas que têm auspiciosamente regido Portugal, mostraram ao mundo o exemplo do mais acrisolado patriotismo e da mais esclarecida protecção ás artes e ás sciencias.

Referindo-me tão sómente ao progresso da nação portugueza, direi que ella deve ser sobejamente reconhecida aos soberanos que, repartindo por igual a acção intelligente dos altos negocios politicos, e dos assumptos scientificos, não olvidaram a instrucção publica, dotando a nação, em diversos periodos, com algumas fundações de utilidade geral.

Foi igualmente á benevola protecção de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz, que os artistas devemos a fundação d'esta Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes; bem como ter-se dignado S. M. El-Rei o Senhor D. Fernando tomar o protectorado d'esta associação, a qual pelo seu feliz engrandecimento já hoje pôde premiar importantes serviços prestados á architectura civil, e galardoar proficuas investigações archeologicas.

Tambem Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia levou a sua extrema benignidade honrar o nosso museu, vendo e examinando as collecções, que temos podido colligir á custa de innumeras diligencias e não pequenos sacrificios e difficuldades; e para ficar memorada a visita, que nos deve povoar a alma de jubilo e gratidão, a Excelsa Rainha ainda distinguiu mais a nossa real associação offerecendo-nos a Sua Augusta effigie; e só podemos perpetuar tal e tão significativa distincção, e agradecer-a tanto quanto nos é possível, inaugurando hoje n'esta sessão o retrato da Sua Augusta Pessoa.

Seria inutil, senhores, recorrer á citação de outros factos de igual valia para comprovar qual tem sido a benevola protecção de Suas Magestades e de El-Rei o Senhor D. Fernando, até n'este momento; dignando-se de presidir á nossa sessão, para conferir aos tres socios laureados, que mereceram por importantes publicações archeologicas, e por assignalados serviços na architectura, o premio d'esses serviços; que as nações cultas não negam nunca ao verdadeiro merito.

Só me resta, Senhor, humilde fundador da Associação e do Museu, testemunhar a Vossa Magestade em nome d'este Instituto, que me cabe a honra de representar, o profundo reconhecimento e leal acatamento por esta nova e distinctissima mercê com que aprouve a Vossa Magestade favorecer-nos, presidindo a este acto solemne. — Tão fausto acontecimento ficará registado nos annaes d'esta Real Associação, e inscrevendo-o como o mais venturoso da sua existencia, tel-o-ha outrosim como subida recompensa de perseverantes trabalhos e constantes esforços para salvar da incuria e do vandalismo os valores nacionaes de archeologia. Fazemos votos ao Todo Poderoso pela conservação da preciosa existencia de Vossa Magestade e de toda a Familia Real para satisfação propria, e felicidade da nação portugueza.

Lisboa, 14 de junho de 1876.

O Presidente.

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA.

Em seguida o secretario o sr. visconde de Benalcánfor, obtendo a permissão d'El-Rei, fez a leitura do respectivo relatorio, que damos na sua integra.

RELATORIO

SENHOR:

Em sessão de 7 de dezembro de 1875 da nossa Associação foi apresentada a seguinte

PROPOSTA

É notorio que nos paizes nos quaes os estudos scientificos e artisticos têm o devido apreço, não só os governos d'essas nações mais cultas são sollicitos em animar e premiar aquelles que se distinguem pelo seu saber, e pelos serviços prestados no maior desenvolvimento d'esses estudos, como igualmente as associações fundadas para lhes dar impulso, curam em distinguir os seus membros que mais hão contribuido para o desenvolvimento dos seus trabalhos, ou tem enriquecido a sciencia com diligencias dignas de serem citadas com louvor por nacionaes e estranhos, e de merecerem premios pela sua reconhecida valia.

Infelizmente, entre nós pouca attenção damos a esses uteis esforços, e muito menos se pensa em galardoar os trabalhos importantes e desinteressados de nossos compatriotas, que pelo seu talento, saber e investigações scientificas, são mui credores da admiração publica, e do reconhecimento da nação: e por esta mesma razão se lhes devem conferir distincções, tanto para os remunerar pelos seus importantes serviços, como para que ellas sirvam de estimulo a outros, afim de os incitar a darem maior desenvolvimento a esses presaveis estudos.

É pois para ser inaugurada no nosso paiz esta praxe seguida por muitas associações scientificas e artisticas, tão honrosa para quem a pratica, como bastante lisonjeira para quem fôr mais digno de a receber, que tenho a honra de propôr: que sejam conferidas tres medalhas de bronze, as primeiras que esta Real Associação mandou cunhar, aos nossos benemeritos consocios, o ex.^{mo} sr. Dr. Augusto Filippe Simões, pela sua excellente apreciação sobre a architectura do seculo xii em Portugal, e dos edificios que d'esta época ha em Coimbra. Outra ao ex.^{mo} sr. Dr. Francisco Martins Sarmiento, que tomou a iniciativa e generosamente correu, para ser restaurada no seu primitivo estylo a antiga igreja historica de S. Miguel do Castello de Guimarães. E tambem outra medalha pela importante publicação de numismatica de moedas nacionaes, trabalho de summo interesse, e o mais completo que Portugal possui, devido ao patriotico zelo do ex.^{mo} sr. Augusto Carlos Teixeira Aragão.

Caberá, por esta fórma, a esta Real Associação, a honra de haver praticado um acto tão distincto e util; e dará ao mesmo tempo o mais subido testemunho de quanto anheia o progresso da architectura e da sciencia archeologica, ramos tão instructivos para a historia

patria, concordando vós n'esta escolha, e votando-lhes tão merecida distincção.

Sala da Assembléa Geral, 7 de dezembro de 1875.

O socio fundador

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA.

Sobre esta proposta foi mandado ouvir o conselho facultativo, na fórma dos nossos estatutos, o qual deu o seguinte

PARECER

SENHORES :

O conselho facultativo, tendo tomado conhecimento da proposta apresentada pelo sr. presidente Joaquim Possidonio Narciso da Silva, em assembléa geral, na sessão de 7 de dezembro do anno findo, propondo os tres socios, os srs. Augusto Filippe Simões, Augusto Carlos Teixeira Aragão e o Sr. Francisco Martins Sarmiento, para lhes serem conferidas tres medalhas ; premio que esta Real Associação fundou ultimamente, para remunerar as pessoas que façam os mais relevantes serviços nos ramos architectonicos e archeologicos em Portugal ; os quaes constam pelas valiosas obras publicadas n'estes ultimos tempos pelos dois primeiros mencionados socios, e pela restauração executada no typo primitivo da egreja de S. Miguel do Castello de Guimarães, pela generosa iniciativa do sr. Martins Sarmiento : o conselho, depois de reflectida discussão, concordou com a referida proposta ; posto que não desconhece haver outros dignos socios, que, por assignalados e anteriores serviços em proveito das bellas artes e sciencias, deveriam ser igualmente contemplados : comtudo é de parecer, que a assembléa geral approve que sejam conferidas essas tres medalhas aos cavalheiros a que se refere a citada proposta, como um devido testemunho publico que dará do reconhecido merecimento artistico e archeologico d'estes benemeritos cultores da sciencia e das bellas artes.

Sala do Conselho, sessão de 20 de janeiro de 1876.

J. Possidonio N. da Silva, presidente.

João Maria Feijó.

Valentim José Corrêa.

Visconde d'Alemquer.

Francisco José d'Almeida.

Carlos Munró.

José M. Caggiani.

Feliciano de Sousa Corrêa.

Ernesto da Silva.

E em sessão da assembléa geral de 11 de março ultimo foi plenamente approved, que se conferissem estas tres medalhas.

Em virtude d'esta deliberação, Vossa Magestade dignou-se marcar o dia d'hoje, em sessão solemne

extraordinaria, para entregar com suas reaes mãos as medalhas e respectivos diplomas aos tres laureados, como Presidente Honorario e Protector da nossa Real Associação ; dando Vossa Magestade por este modo mais uma prova de quanto se interessa pelo progresso das letras e das artes no nosso paiz. E é de esperar, Senhor, que este nobre incentivo, que Vossa Magestade hoje se digna dar-lhes, será dos que mais contribuam para tão desejado fim.

Finda esta leitura, dirigiram-se os srs. Possidonio da Silva e os secretarios á mesa da presidencia d'El-Rei, lendo depois o sr. Visconde de S. Januario os nomes dos laureados pela sua ordem, sendo os socios os srs. Drs. Augusto Filippe Simões, Francisco Martins Sarmiento e Augusto Carlos Teixeira Aragão : recebendo Sua Magestade do presidente em exercicio, o sr. Silva, as medalhas e os diplomas ; mas El-Rei teve a extrema delicadeza e a excessiva benignidade, que lhe é propria, dignando-se erguer-se da sua cadeira para fazer a distribuição dos premios, dando por esta fórma maior solemnidade a este acto, e praticando esta honrosa consideração, quiz patentear o subido apreço que lhe mereciam taes distincções. A assembléa imitou este exemplo, ficando todos em pé. Durante o tempo d'esta cerimonia, a orchestra executou com primor um alegro de uma das mais escolhidas composições.

O sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro dirigiu-se ao socio o sr. Possidonio da Silva afim de alcançar licença d'El-Rei para proferir duas palavras, e tendo Sua Magestade annuido a esse desejo, orou o referido senhor congratulando-se com a assembléa pela honra d'El-Rei o Senhor D. Fernando ter-se dignado vir presidir áquella sessão solemne na qual se premiariam importantes trabalhos artisticos e archeologicos, sendo em verdade para agradecer pela associação e pelo paiz esta significativa deferencia que a Sua Magestade aprouve dar-lhes, tomando em muita consideração a louvavel e patriotica iniciativa que a Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes teve em galardoar os serviços scientificos dos seus socios, que mais relevantes os haviam prestado ; deliberação esta que lhe dava muita honra e merecia dos seus concidadões justissimos louvores. Recommendava todavia á associação que não frouxasse nos seus esforços, posto que já tivesse alcançado bastantes e uteis resultados, salvando do vandalismo e conservando á nação tantos objectos archeologicos que existiam no Museu do Carmo, comtudo havia ainda muito que fazer para completar a obra ; mas confiava muito no zelo e dedicação dos seus benemeritos socios, que levariam a cabo esse nobre empenho, pois que todos os que prezavam os progressos das artes e das sciencias lhe reconheciam o merito d'elles e louvavam o seu esclarecido patriotismo.

Muito estimava ter assistido á distribuição das medalhas que haviam sido entregues aos tres laureados,

pois elles eram dignos pelas suas obras e saber d'essa merecida distincção, e sem duvida tão uteis exemplos achariam entre os outros consocios quem os imitassem n'esses interessantes e laboriosos trabalhos, aliás tão necessarios entre nós, para seguirmos o impulso dado, neste seculo, a estes estudos pelas outras nações mais illustradas.

Agradecia muito a Sua Magestade de lhe ter permittido expressar com franqueza o que sentia no seu coração, pois que quando a sua consciencia lhe dictava louvar e applaudir serviços de tão grande alcance para o bom nome da sua patria, não podia occultar a sua satisfação nem recusar o devido testemunho publico a actos tão honrosos: portanto felicitava a associação pelo seu progressivo desenvolvimento e pelos seus nobres esforços.

Sua Magestade deu por finda a sessão eram tres horas e um quarto; e depois de conversar com alguns dos cavalheiros presentes foi acompanhado pelos socios que compunham a mesa, dignando-se examinar detidamente todos os objectos das differentes collecções expostas no museu, indagando qual a sua procedencia, e apreciando com a sua reconhecida illustração aquelles de maior apreço e os mais raros. Durante todo este tempo a orchestra não cessou de executar variadas peças de musica.

Pela ocasião de se despedir, Sua Magestade lastimou achar-se ainda em ruinas aquelle antigo monumento, assim como não se lhe ter tirado os entulhos que é vergonha vê-los dentro de semelhante edificio da capital.¹

Sendo acompanhado El-Rei por todos os socios até ao portal, saudou novamente os ditos cavalheiros depois de entrar para seu estado.

OS DOLMENS

O que são os dolmens? De que raça seria o povo que os construiu? A que idade archeologica deverão attribuir-se?

São tres interrogações, a que ninguem até hoje, tem podido responder satisfatoriamente.

Maior razão para que as estudemos.

Os dolmens, (ou antas, como os portuguezes lhes chamâmos), são de longa data conhecidos. Mas a archeologia prehistorica é um estudo d'agora, e os antiquarios historicos davam aos monumentos megalithicos mais moderna origem, do que os archeologos lhes presumem hoje.

O vulgo cercava-os de tradições fabulosas, como sabe invental-as a imaginação popular, propensa sem-

pre para o maravilhoso. Uma vez os reputava obra de gigantes; outra vez artefactos da magia, etc. O crom-lêche de Salisbury, na Inglaterra, ainda agora ali passa por incantamento do magico Merlim. E alguns dolmens da França e outros paizes, ainda ha pouco eram tidos como grutas de fadas.

Para os sabios do seculo XVIII, eram os dolmens sepulturas dos gentios; ou altares levantados pelos celtas. N'uma antiga historia da Westphalia, de que dão conta as *Mémoires pour l'histoire des sciences et des Beaux-arts* (1710), menciona-se um dolmen, debaixo do qual se recolhia um rebanho de carneiros. Estes monumentos foram mui numerosos pela Allemanha. O antiquario Nunningh n'uma dissertação sobre os antigos sepulchros dos gentios, por aquellas partes, dá noticia de varios dolmens existentes (fins do seculo XVII), pelos campos da diocese de Munster, os quaes elle considerava como sepulturas dos hunos.

São raros na Belgica, onde tantos despojos ha das edades da pedra. Pela Armorica, famosa estação dos celtas, e outras partes da França, ainda hoje se descobrem alguns; assim como pelo littoral da Hespanha, e em mui diversas regiões. Mas em paiz nenhum pôde ser, que existissem em tamanha quantidade, relativamente, como em Portugal.

As antas são de ha seculos, conhecidas entre nós; e por escriptores mencionadas, desde os principios do seculo XVII. O povo tinha-as por obra de moiros; ou lapas de *moiras incantadas*...

Na *Thebaida portugueza* encontra-se duas vezes citada (t. I e II), a curiosa carta, (Ms. do archivo do mosteiro da Serra d'Ossa) do padre-mestre Fr. Martinho de S. Paulo, na qual se falla das antas, que no seu tempo existiam pelas faldas do monte de San'Gens, onde aquelle padre suppunha ter havido um acampamento cerrado de Viriatho: e particularmente de duas antas, uma dentro da cerca do mosteiro, e outra da parte de fóra; as quaes o reitor do convento mandára destruir, contra o voto judicioso d'aquelle illustrado frade, para aproveitar as muitas pedras d'ellas. Depois d'estas pedras retiradas, appareceram pelas covas muitas cinzas, e carvões de fogo. «E estas antas (diz o padre Fr. Martinho), é certo que eram as aras ou altares, em que os vencedores (allude aos lusitanos de Viriatho) offereciam sacrificios aos deuses, em gratificação da victoria alcançada, ou antes para os terem propicios na guerra.»

Na *Collecção das Memorias da Academia d'Historia portugueza*, Conferencia de 24 de setembro de 1733, cita-se uma conta do padre Fr. Affonso da Madre de Deus Guerreiro, na qual este padre faz menção de tresentas e quinze antas, que tinha descoberto: e já anteriormente havia escripto que só no termo d'Evora e logares circumvisinhos, descobrira sessenta e sette; duas d'estas apenas distantes tresentos passos uma da outra.

¹ O municipio de Lisboa comprometteu-se em os mandar remover, visto havel-os, antigamente, para ahi mandado deitar.

Na mesma *Collecção*, Conferencia do 1.º d'abril de 1737, vem na integra a erudita Memoria de Martinho de Mendonça de Pina, *sobre os monumentos que se acham em varias partes de Portugal, a que chamamos Antas*. O auctor não menciona mais de cinco d'esses monumentos (na Beira); mas as reflexões do douto academico, ácerca da origem das antas, e d'este nome, são muitos interessantes.

Os modernos fazem derivar o vocabulo *dolmen* do gaëlico *tol men* (mesa de pedra). Mas Pina, sem o soccorro das hodiernas indagações da philologia comparada, disserta com muita critica e erudição sobre a origem do nome: *anta*; o qual como é notorio, corresponde exactamente á designação do monumento megalithico, a que os archeologos chamam *dolmen*. Segundo Pina, entre outras conjecturas, o vocabulo *anta* poderia vir do hebraico: *natham* (deu, ou dedicou); que passando pelas formulas grammaticaes por Pina deduzidas, viria a formar: *anthan* (coisa dada, dedicada ou offerecida). Ou poderia tambem vir do antigo phenicio (que é como o hebraico, da familia das linguas semiticas), significando: *Deus*.

O judicioso Pina, considera as antas de Portugal como monumentos sacros; e anteriores á vinda aqui dos phenicios (como commerciantes?); e ainda anteriores á idade do ferro. Ora, eu não sei que a erudição archeologica, e as investigações prehistoricas dos nossos dias, possam dizer mais nem melhor, de taes monumentos.

Em 1868 publicou o sr. Pereira da Costa, a sua excellente Memoria: *Descripção d'alguns dolmens ou antas de Portugal*, em que tracta proficientemente d'este assumpto, e descreve as fórmulas d'estes monumentos; dando ao mesmo tempo noticia de varios dolmens descobertos em outros paizes, com figuras, e tambem com caracteres gravados nas suas pedras. O sr. Pereira da Costa menciona quarenta e quatro dolmens, e outros monumentos megalithicos do nosso paiz: dando os desenhos d'alguns d'elles, na fórmula em que foram encontrados; e, conjunctamente, os desenhos de varios instrumentos de pedra polida, achados pelas excavações d'algumas antas.

Em 1869, foi detidamente examinada e explorada, pelo sr. J. P. N. da Silva, a anta da Serra de Cintra, que se diz das maiores que se sabem no nosso paiz: e o desenho d'esta anta foi publicado na curiosa Memoria do sr. Silva: *Souvenirs du congrés international d'anthropologie et archéologie préhistoriques... de Bologne, en 1871*. A pag. 43 lê-se o seguinte: «Ce dolmen est placé sur une des plus hautes montagnes de Cintra, près de Collares, et à 1:800 pieds au-dessus du niveau de la mer. La construction est une des plus colossales qui existent en ce genre dans le pays.¹

¹ «L'entrée de ce dolmen, tournée vers le couchant, regarde l'Orient sans limites et domine le plateau élevé qui lui sert de base. Sa forme en plan est celle d'un trapéze, dont la largeur à

«En y faisant des fouilles, on a trouvé de la terre noirâtre, qui avait été portée d'un autre endroit, car sur ces montagnes granitiques, et à cette grande élévation il n'est guère possible qu'il y ait de la terre de cette qualité, cependant on n'a rien trouvé mêlé avec elle, pour faire supposer que ce dolmen ait servi de sépulture.»

Em 1874, o sr. Pinho Leal na sua mui noticiosa obra *Portugal antigo e moderno*, faz menção de um dolmen, que descobrira n'um matto da freguezia de Gontinhães, ribeira do Ancora, concelho de Caminha.¹

E menciona ainda mais dois na provincia do Minho; dois na provincia de Traz-os-montes, etc.; fazendo menção especial d'outro, sobre a margem esquerda do Douro, no lugar de Castello-de-Paiva.

O desenho aguarellado d'este ultimo monumento existe no Museu da nossa Associação, e representa-o composto de seis marcos ou pilares, de tres pedras cada um, sobrepostas, tendo as ultimas pedras de cima a sua *extremidade oblonga*. Nada posso dizer da altura. Os pilares eram sette, mas um d'elles jaz pelo solo em fragmentos. Este monumento dá-me ares d'um *menhir* singelo, isto é: constando d'um só renque de pedras a prumo. Creio ser o unico de fórmula tão singular entre nós conhecido.² E supponho-o mais moderno do que os dolmens do nosso paiz. Para preparar estes pilares, pela fórmula em que o desenho os representa, seria indispensavel empregar instrumentos de ferro, ou de bronze pelo menos. As juntas das pedras de que elles se compõem, parecem-me perfeitas, e a fórmula arredondada da ultima pedra bastante regular. Os instrumentos de pedra não conseguiriam tanto.

Mas sem a inspecção minuciosa e esclarecida dos proprios monumentos, e dos terrenos em que assentam, e outras circumstancias, é sempre muito arriscado qualquer juizo que d'elles se queira fazer.

O sr. Pinho Leal ainda dá noticia d'outros monumentos megalithicos, aos quaes especialmente denomina *antas*; e descreve-os assim: «Constam de um pedregulho, de fórmula mais ou menos espherica, ou oval, (alguns de tamanho que faz pasmar), collocado sobre quatro penedos mais pequenos, que o sustentam em equilibrio. Nos concelhos d'Arouca e Paiva ha grande numero (d'estas) antas, de diferentes tamanhos.»

Temos ainda em Portugal outros monumentos, a que chamamos *mamunhas* (tumuli?), que me fazem lembrar os grosseiros hypogeus da Nubia. O sr. Pereira

l'entrée est de trois mètres cinquante centimètres, à la sortie de quatre mètres quatre-vingts centimètres seulement; et sur une hauteur à peu près uniforme d'environ quatre mètres.» Ch. Lucas. *L'Architecture en Portugal*. 1870.

¹ Creio que é d'este mesmo dolmen, o desenho e descripção, que, com o nome de *Lapa de moiros*, publica hoje o nosso jornal; devidos ao zelo e illustração do distincto architecto, o sr. C. A. Pinto.

² Conheço um escriptor francez, o sr. Roisel, a quem este monumento talvez se afigurasse como um symbolo, a que adiante terci ainda occasião de referir-me.

da Costa descreve alguns: e o sr. Pinho Leal também os descreve, com o nome de mãmuas, e alguma variedade; apontando muitos d'estes monumentos em diferentes logares da sua obra, como quem os vira, por diversas partes do paiz. E dá noticia também de muitos *carns* (comoros de pedra-secca cubertos de terra, etc.) que encontrára em varios sitios.

Pelo que se vê do que ahi fica indicado, reconhece-se como foram numerosos, aos centos, os dolmens e outros monumentos megalithicos, no nosso Portugal. Isto prova, que os homens a quem taes monumentos se devem, demoraram longo tempo n'esta orla occidentica, do Cabo da Roca á Corunha.

E não fallarei do Algarve, porque d'esta provincia nada claramente me consta n'este assumpto, se não as conhecidas phrases de Strabão, citadas por todos os archeologos, quando ao mesmo assumpto se referem. Apenas em Fr. Vicente Salgado encontro a noticia de uma especie de baluarte, aopé de Faro, que pelo nome de *mesa de moiros*, que lhe davam, é possível, que tivesse origem n'alguuma *anta*. Esta provincia de vidamente explorada, não me resta duvida de que daria occasião a importantes descobertas, de muito interesse para a Archeologia. Pena é, que o não seja!

A opinião mais geralmente seguida entre os archeologos, é a de que os dolmens são monumentos sepulchraes. Ha porém quem duvide: e se eu pudesse ter opinião em tal assumpto, talvez me inclinaria a duvidar também.

Não pôde deixar de reconhecer-se, que nas excavações praticadas sob alguns dolmens, se tem encontrado vestigios d'interramentos, e até cadaveres. Mas os dolmens não podem confundir-se com as grutas e cavernas naturaes, nem com os terramares, etc.; onde as indicações geologicas e paleonthologicas, estabelecem a intima ligação das ossadas com os terrenos que as contém. Essas indicações, não me parece poderem ter a mesma importancia, applicadas a um monumento sobreposto a esses terrenos; mormente quando os dolmens são descobertos. E ainda mesmo nos que estão cubertos, não creio que sejam tão indubitaveis, que não permittam arriscar-se o juizo da absoluta independencia dos dois factos: o enterramento anterior, e a fortuita construcção do monumento. Como também poder conjecturar-se, que diversas civilisações empregassem em diverso proposito taes monumentos: e ainda, que para mais d'um fim elles servissem n'alguas regiões.¹

O que é certo é que nas antas do nosso paiz, de que

¹ O sr. Leguay, presidente da Sociedade parisiense d'Archeologia e d'Historia, apresentou ao Congresso internacional d'Archeologia e d'Anthropologia, em Copenhague, a descripção minuciosa e os desenhos d'um dolmen, do departamento do Sena; que depois de muito estudado, o sr. Leguay se convenceu de que fôra uma *ustrina*. E aqui temos outra opinião; mas creio que singular, até agora.

tamanho numero se sabe, em nenhuma se tem observado signaes évidentes de que houvessem servido de sepulturas. Algumas cinzas de problematica origem, e instrumentos de pedra polida, é tudo quanto até hoje se tem encontrado nas explorações das nossas antas. Os fragmentos de dois craneos, que se dizem achados n'uma ou duas antas das cercanias de Thomar, nada podem provar a tal respeito, porque a exploração não foi feita com as circumstancias indispensaveis para poder-se julgar do facto com todo a precisão.

Já n'este anno (1876), o sr. D. Ramon Silvello, publicou na Corunha, um interessante estudo sobre *Antigüedades de Galicia*, onde sob a epigraphie: *Monumentos celticos* menciona: 1.º Uma pedra existente no municipio de Puentececeo, logar de Fondomil, monolitho com mais de tres metros d'altura, que tem gravado em *rustico trazo* uma serpente. 2.º Um menhir tombado, na Aldeia de Guizo, cerca de la Simia. Esta pedra também tem gravadas algumas figuras, que o sr. D. Ramon interpreta como *signos astronomicos* dos grandes mysterios do rito druidico. 3.º uma pedra no povo de Carmés, perto da bocca-ria de Cereijo, conhecida pelo nome de *pedra de los letreros*, que tem gravadas certas figuras, entre as quaes se notam linhas rectas, alternando com pontos (mossas ou protuberancias?) em grupos de tres, cinco e sette; estes dois ultimos seguindo constantemente uma collocação invariavel, e semelhantes a outros grupos, que se vem n'outra pedra muitas leguas distante. «Sean geroglificos, que representen una leyenda, sean figuras simbolicas de algun idolo, en ellas se encuentra arte y conocimiento en el trazado de curvas.» 4.º Diferentes dolmens, entre os quaes um perto da Corunha, em perfeito estado, e notavel pela sua altura superior a tres metros.

N'estes, como nos de Portugal, não ha vestigios de sepultura. O sr. D. Ramon considera-os como *altares*, para *tender las victimas destinadas al sacrificio*.

(Continúa)

SÁ VILLELA.

ANTIGUIDADES ROMANAS

O nosso illustre consocio o sr. Visconde de Benalcánfor quiz-nos mimosear com um interessante capitulo da sua nova obra, escripta com a costumada elegancia de estylo e judiciosas reflexões, como sabe prender a attenção e illustrar o espirito de quem tem a fortuna de ler as suas publicações; reconhecendo todos o seu distincto talento e a competencia artistica das suas instructivas descripções.

Teria sido inutil da nossa parte acrescentar nada mais ao nome de tão afamado litterato; mas não po-

diamos deixar de lhe testemunhar publicamente os nossos agradecimentos, tendo-se dignado honrar o Bole-
tim d'esta Real Associação pelo offerecimento de tão
subida valia e de particular distincção.

O socio — *J. da Silva.*

MUSEU NACIONAL DE NAPOLES

Capitulo de um livro inedito

«Dêmos um passeio pelas galerias do museu, onde foram recolhidas as antiguidades descobertas nas exca-
vações de Pompeia e Herculanium.

Achamo-nos primeiro face a face com as estatuas de bronze, riqueza que pôde chamar-se privativa do museu de Napoles. Roma, a cidade das maravilhas da arte, o emporio do mundo antigo, possui apenas tres estatuas de bronze: a equestre de *Marco Aurelio*, da praça do Capitolio,¹ (unica que subsiste perfeita e inteira d'entre tantos milhares d'ellas que adornavam a Roma dos imperadores); o *Hercules* colossal de bronze dourado, que se contempla na sala redonda do Vaticano; e o *Pastor a arrancar do pé um espinho*, do palacio dos conservadores. A *Loba* e poucos mais fragmentos partidos completam os bronzes antigos de Roma, que escaparam á destruição das guerras e da barbaria.

É notorio que os mais famosos foram transportados da metropole romana para Bysancio, depois que Constantino trasladou para esta cidade a sêde do imperio. Quanto aos restantes, mandou Constantino, que fossem levados para Syracusa.

Quando porém a capital antiga da Sicilia cahiu em poder dos sarracenos, pereceram ali essas affamadas obras primas da escultura antiga ás mãos dos ferozes e ávidos invasores, que, da mesma sorte que aconteceu em Constantinopla, as derreteram para lucrarem o valor do metal.

Napoles jámais poderia gabar-se de possuir a admiravel collecção de bronzes do seu museu, se não acontecesse a circumstancia verdadeiramente singular, rara, de haverem sido exhumadas do tumulo de escorias, de lavas e de cinzas, em que jazeram pelo espaço de dezeseite seculos, as duas cidades da Campania, Pompeia e Herculanium.

Distinguem-se facilmente os bronzes de Herculanium dos de Pompeia. Aquelles apresentam um verde carregado e teem as superficies polidas, emquanto que os segundos mostram-se asperos, corroidos, oxydados, cobertos de manchas azues. Concordam os entendidos, em que todos aquelles bronzes são de uma perfeição pouco vulgar, e alguns até primores inexciveis.

¹ Suppõe possuir o *modelo* d'esta obra prima de escultura, o sr. Visconde de Monsarrate, na sua *villa* de Cintra, e com a particularidade de ter o *nome gravado* do artista!

J. da Silva.

As estatuas, que se avistam ao fundo da galeria, de proporções agigantadas, respirando naturalidade, admiraveis de expressão nas physionomias, de magestade nas posições, em que os artistas deram vida permanente aos seus personagens, perpetuando-os em bronze, representam Augusto com os attributos de Jupiter — os raios em punho, — Druso, e Marco Colatorio vestido na sua toga.

As seis Musas, tambem de bronze, que ornavam o proscenio do theatro de Herculanium, infundem respeito pelas posições nobres e austeras; e seus rostos a um tempo ideaes e reflexivos, prescrutadores, alumia-
dos por uns olhos de esmalte vivos e penetrantes, como que nos revelam os lances e as commoções da tragedia, que subjugava as almas pelos influxos da piedade e do terror. Aquelles seis vultos de mulheres, na gravidade dos gestos, na expressão do olhar, na singeleza das roupagens, na nobreza tranquilla, serena, traduzem a perfeição inimitavel da estatuaria grega, no periodo aureo da arte.

Ao meio da galeria, como em lugar de honra, destacam tres estatuas, obras primas da arte hellenica mais pura: são o Fauno ebrio, e Mercurio sentado no cume de uma montanha.

Seguem os bustos de Seneca, manifestação excelente do *realismo* na arte romana pelas minucias da physionomia cançada, envelhecida, em que se atraiçoa o genio taciturno do philosopho; de Berenice, rosto gracioso, cheio de vivacidade; de quatro Ptolomeus, a cuja formosura viril dão realce os abundantes e annellados cabellos, que lhes caem em cachos symetricos, á volta do pescoço.

Em cima de um pedestal, ao pé de uma janella, assenta a parte superior de uma estatuasinha de Diana, formosissima, cheia de correcção plastica, com os braços estendidos, como quem está fallando, a bôca aberta provavelmente para transmittir as palavras que proferia algum aruspice agachado por detraz d'ella, atravez do tubo acustico, a que servia de bocal o buraco, que se vê na parte posterior da cabeça. Aquella posição é exactamente a de uma Deusa no momento de soltar os oraculos; e o artificio vulgar do buraco aberto na cabeça explica-nos o mecanismo aliás simples, que a casta sacerdotal empregava, para communicar ás turbas a revelação dos prodigios ou, como diriamos hoje, dos milagres, que lhe convinha forjar para bem dos interesses geraes da politica, á qual servia, ou dos seus proprios, firmando pela superstição e pelo terror o predominio das hierarchias religiosas.

Um Narciso com uma pelle de cabra aos hombros, um Hercules infantil, encontrado no palacio dos Cesares, em Roma, o qual, no arrojo com que suffoca as serpentes mandadas por Juno, denuncia a tempera heroica do animo, e revela no luctador precoce o destemido filho de Jupiter; um Sileno embriagado; um cavallo a galope com os jaezes incrustados de prata;

Amores; passaros; animaes de todas as especies; Faunos e Silenos; creanças n'uma variedade immensa de posições; as afamadas Venus de Nocéra; estatuetas de uma inimitavel perfeição; uma infinidade de bronzes lindissimos, que seria impossivel descrever e nem sequer enumerar, criam — em quem os contempla — vontade de habitar Napoles durante largos mezes, tão sómente para estudar com descanço tantos e tão raros monumentos da estatuaria e da arte grega.

Sobe ao algarismo de trinta mil objectos a collecção de figuras de bronze, de moveis e utensilios encerrados não só no museu, mas nas succursaes ha pouco estabelecidas em Pompeia.

Entre todos estes, avultam por mais interessantes o *bisellium*, ou assento de honra dos magistrados, de uma altura superior ao dos simples cidadãos, onde os personagens, que os occupavam, consules, pretores, ou decuriões se sentavam sobre uma almofada guarnecida de franjas chamada o *pulvinare*; e um leito ou *triclínium* sem espaldar. A par d'estes moveis vêem-se tinas de tomar banho, uma liteira, uma cama de criança, e um brazeiro immenso. Em todos elles nota-se um estylo sobrio de ornatos, nobre, severo.

Baixellas requissimas de bronze, vasos elegantes do mesmo metal com incrustações de prata e imaginosos labores e grinaldas de flôres, perfeitamente iguaes aos que caracterisam posteriormente o estylo arabe, (por isso chamados arabescos, embora importados de By-sancio pelos arabes que, adoptando-os, os exaggeraram), patenteam-nos o gosto apurado da mesa e o fausto dos banquetes entre os antigos romanos.

São tambem curiosissimos todos os accessorios empregados na escripta, taes como stylos, areeiros, penas, sêllos de cera ou de metal, livrinhos com folhas de marfim enceradas, e drogas usadas na pintura, de que restam tintas mui finas, sendo algumas, no dizer dos pintores, bem superiores ás de agora.

Não acabariamos, se tentassemos particularisar as innumeras lampadas e candelabros, que comprovam a perfeição e gôsto finissimo das artes ornamentaes d'aquelle povo, e descrever a serie de deuses, de lares, de talismans, e de amuletos, monumentos eloquentes das crenças religiosas e das superstições dos antigos romanos, que se amontoam nos vastos precintos do antigo museu borbonico, hoje, mercê de Garibaldi, chrysmado em museu nacional.

Não podem deixar de ser examinados com interesse os capacetes, escudos e couraças romanas, que abundam no museu, e em alguns dos quaes ha meias figuras em relevo representando batalhas e feitos historicos, de uma correcção surprehendente! O mesmo acontece com os instrumentos das bandas de musica militar, que nos cercam, de fórmãs estranhas e agigantadas, perante os quaes a nossa imaginação resuscita o aspecto bellicoso e os impetos cegos das legiões, que avassalaram o mundo antigo, ao som

das harmonias guerreiras, desferidas por instrumentos colossaes.

Deixando a galeria dos bronzes e metaes, e transportando-nos á collecção dos objectos preciosos, depa-ram-se-nos joias rarissimas de arte, entre as quaes occupa o primeiro logar a celebre taça Fárnesio, de sardonica oriental, o mais bello camafeu que se conhece! Não ha outro, além d'aquelle, esculpido d'ambos os lados. A gravura interior representa Alexandre liberalisando á cidade de Alexandria o commercio do trigo; a externa, na parte convexa da taça, é a cabeça de Medusa com os cabellos compridos, por entre cujas madeixas se enroscam serpentes.

Quantas paginas seriam necessarias só para descrever — um por um — os muitos collares gregos compostos de medalhões de oiro com cabeças de Faunos e entremeados de ornatos semelhantes a flôres de liz, em que o labor e a imaginação dos artistas obraram maravilhas, os diademas de filagrana de oiro, as pulseiras, já cravadas de pedras preciosas ou de camafeus, já sinuosas sob a fórmula de cobras, como se observa nas estatuas antigas?

Na baixella de oiro e de prata, de fórmãs airosas, crespa de ornatos e de relevos, além das taças e dos vasos de toda a especie, notam-se umas aras em miniatura para queimar perfumes, accessorio que nos faz adivinhar o uso frequente dos aromas nos banquetes e nas festas particulares.

A despeito porém das assombrosas riquezas contidas na secção, de que acabamos de fallar, os olhos do visitante demoram-se com o maximo enleio nas iguarias e alimentos encontrados nas excavações de Pompeia, alguns dos quaes jazem nas cassarolas e nas marmitas em que estavam sendo cozinhados, no momento em que a infeliz cidade da Campanhia ficou sotterrada debaixo de uma densa camada de cinzas.

À roda dos biscoitos e dos bolos, que foram encontrados n'um forno de pastelleiro, e do leitãozinho deitado ao comprido n'uma travessa de barro para ser trinchado minutos depois, apinha-se uma multidão compacta.

E os pães? E os figos? E o vinho, o azeite, os bolos de mel e outros exemplares e amostras, que nos iniciam nos usos particulares e gastronomicos dos romanos?

No *gabinete secreto*, em que não entram senhoras, e onde sob o governo dos Bourbons nenhum estrangeiro podia penetrar, sem alcançar licença por intervenção do embaixador da nação a que pertencia, vêem-se as pinturas meio apagadas de um lupanar de Pompeia; o grupo, em marmore, de um satyro e de uma cabra encontrados em Herculanium; *phallus* monstruosos; collares de ouro, de um labor e desenho primoroso, compostos de *phallus* suspensos por cadeados tambem de ouro; estatuetas de sacerdotes em posturas lubricas, prova evidente de que os olhos dos romanos não eram o órgão mais delicado e pudico do povo rei.

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

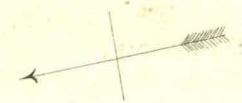
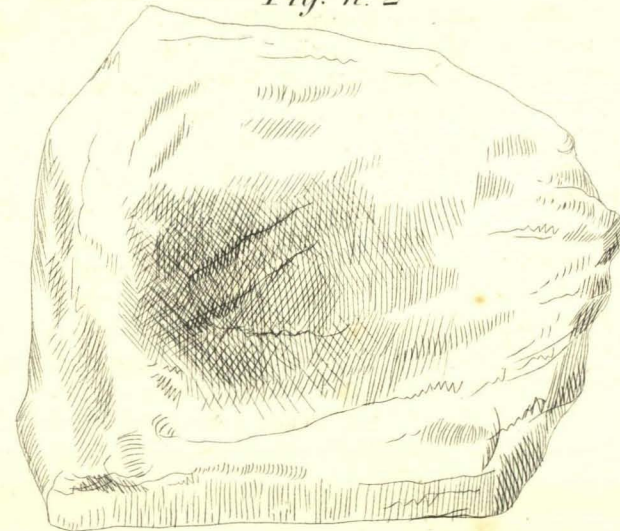


Fig. n.º 2



Parte superior

Escala de 0,02^m

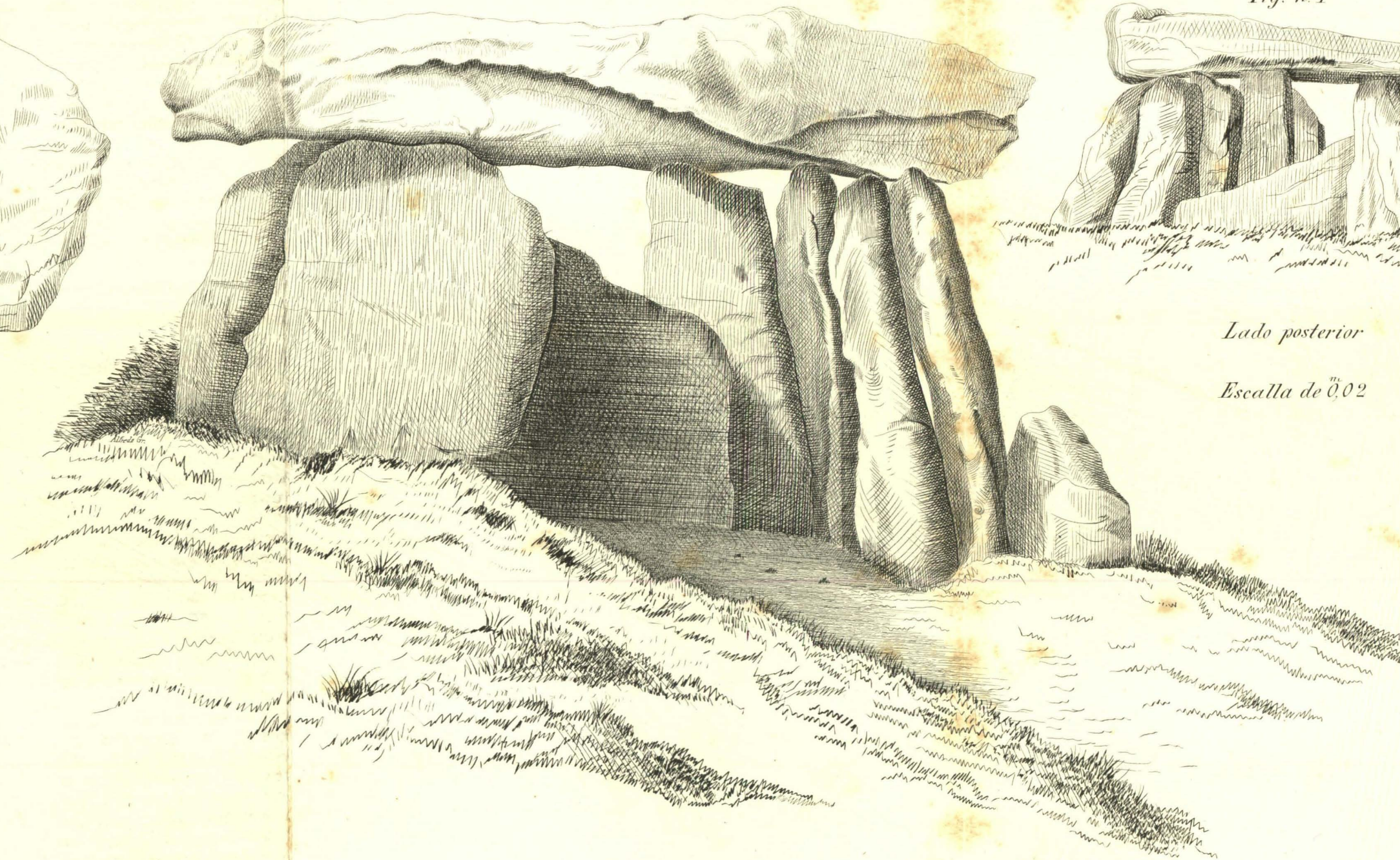
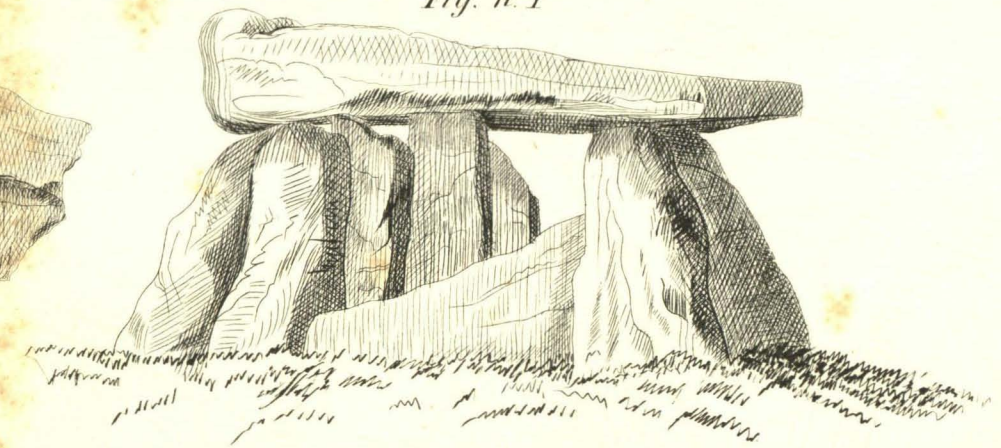


Fig. n.º 1



Lado posterior

Escala de 0,02^m

Lapa da Barroza

ou

Dolmen de Ancora na Provincia do Minho

Escala de 0,05^m.

Os papyros de Herculenum, os quaes, graças ao mechanismo engenhoso, inventado pelo sabio padre Antonio Piaggi, vão sendo laboriosamente restaurados, havendo-se apenas — de entre tantos rôlos carbonisados — aproveitado o texto grego de Philodemo sobre as virtudes e os vícios, o livro de um certo Polystrato sobre os reparos injustos, dois fragmentos de Epicuro e um poema latino de Rabirio ácerca da guerra entre Octavio e Antonio, despertam, como é natural, o vivo interesse das pessoas eruditas e dos bibliographos. Diversas nações da Europa teem instado com o governo italiano, para que lhes sejam confiados alguns d'esses papyros, tomando sobre si o empenho de os decifrar e traduzir, tão sanguinea é a esperança, que os anima de descobrirem obras importantes.

Examinadas de corrida as galerias ao rez do chão, aonde resurgem as crenças e as usanças dos antigos romanos, subamos ao andar nobre aonde brilham os quadros das diversas escolas de pintura nacionaes e estrangeiras, de que é impossivel intentar aqui a descripção, mesmo incompleta.

VISCONDE DE BENALCANFÔR

DESCRIPÇÃO DO DOLMEN DE GONTINHÃES

Denominado — LAPA DA BARROZA — ou dos MOUROS

(Estampa n.º 16)

Este notavel dolmen vulgarmente conhecido pelo titulo de *Lapa dos Mouros*, e que tanto se recommenda á attenção dos apreciadores de archeologia, não só pela sua remota antiguidade, como tambem pelo seu perfeito estado de conservação, acha-se situado no meio de uma deveza de carvalhos, entremeados de pinheiros, que existe no sitio da Barroza, na freguezia de Santa Marinha de Gontinhães, concelho de Caminha, districto de Vianna do Castello. Está esta rara preciosidade assente em terreno artificialmente elevado, e toscamente socalcado, com alvenaria secca de pequenas dimensões, notando-se uma forte inclinação no terreno, no sentido de poente a nascente.

Pelo modo como está disposto o terreno, e resguardado aos lados por pequenos esteios que védam a deveza que rodeia este venerando monumento conhece-se que assás respeitado tem elle sido pelos rusticos aldeões, mas não tanto, que alguns mais audazes, e não menos ambiciosos, não tenham por varias vezes feito escavações no interior da camara, em busca de um thesouro que segundo as lendas populares, faz sempre parte integrante dos monumentos dos tempos semi-barbaros; não conseguiram nunca quebrar o encanto que lhes occulta a riqueza tão desejada, e bastante felizes teem sido em não ficarem esmagados debaixo das pedras de que se compõe o dolmen, por que aquellas

que fôrmas os pontos de apoio da mesa, estão assentes á flôr de terra, e se lhes faltar a base, é provavel que os que ali forem procurar a riqueza, só encontrem uma sepultura.

É, sem duvida alguma, á circumstancia de estar occulto por traz de um denso arvoredor, que este dolmen deve o seu bom estado de conservação, e a ella devemos tambem attribuir o elle ser tão pouco conhecido, que me não consta que os nossos mais acreditados investigadores, tenham escripto cousa alguma que indique terem tido conhecimento d'elle. As pessoas que desejarem visitar este monumento, e que forem em carro fretado de Vianna para Caminha ou Valença, devem apear-se defronte do primeiro atalho que encontrarem do lado direito, logo passada a ponte do Ancora; esse atalho divide-se em dois: sigam o da direita, em terreno seixoso, e quando elle bifurcar com um caminho escavado pelo decorrer dos tempos, tomem á esquerda, e logo a pequena distancia verão sobre o talude que fôrma o caminho, e do lado direito, uns pequenos esteios que servem de vedação ao gado; trepe-se a esses esteios, e logo em frente, e por entre o arvoredor, se descobrem as pedras do dolmen, de côr acinzentada, devida ás vegetações parasitas, que se apoderam do granito poroso exposto ao tempo.

O dolmen é formado de dez pedras, assentes sobre um pequeno morro artificial rodeado por um suculto de alvenaria tosca de trinta a quarenta metros de circumferencia servindo uma d'estas pedras de mesa, ou cobertura d'este monumento megalhitico, a qual tem de de comprimento 3 metros e 3 centimetros.

A figura principal representada na estampa n.º 16, mostra a entrada da camara d'este dolmen, e a situação das pedras que o compõe. A fig. 1 indica o aspecto do lado posterior, assim como a fig. 2 é a parte superior, na qual se nota no meio uma depressão.

Na pequena povoação (que lhe fica contigua), existem vestigios que dão a conhecer, terem aquelles sitios sido, em remotos tempos, habitados por povos que aportaram ao rio Ancora, que n'esses tempos deveria ser mais accessivel do que hoje o é.

Vianna do Castello, 23 de maio de 1876.

O SOCIO — CEZARIO AUGUSTO PINTO.

EPIGRAPHIA

Inscrições romanas de Leiria e seus arredores

(Continuado da pag. 148 do n.º 10)

II

Mais antiga por ventura, e certamente mais nobre, era a *gens Rufus*, a que pertence a 3.ª inscrição. Contam-se n'ella, desde o berço da republica até os fins do seculo I do imperio, numerosos personagens

distinctos tanto na milicia, como nos diversos graus da magistratura.

A *Dutia* da 2.^a inscripção podia mui bem ser parenta de outra *Dutia*, de quem faz menção uma lapide descoberta, diz Viterbo¹ em 1780 no Valado, ao pé de Alcobaça. Tambem o sr. Hübner a registou, tendo-a copiado, como elle mesmo declara, do manuscrito de Fr. José de S. Lourenço, que se conserva na bibliotheca da Academia das Sciencias de Lisboa; entre a copia porém do sr. Hübner e a de Viterbo nota-se alguma discrepância: aquella diz: — D. M. ||DVTIAE||TANCINI. F. ||AMPENA||SILVAVI||MATRI||P. C. — esta; — D. M. ||DVTIAE||TAVGINI. F. ||AVIENA||SILVANI. F. ||MATRI||P. C. — D'estas duas lições, se algum pêsso tem o meu voto, a do sr. Hübner parece-me a melhor; excepto, que depois da palavra SILVANI entendo se deveria restabelecer o F. que vem na de Viterbo, e que pode ter deixado de escrever-se por lapso. Do appellido *Amvena* ha outra mulher n'uma inscripção de Brito.² A palavra *Aviena*, com diphthongo, não sei se poderá explicar-se por outro modo, que não seja por ignorancia do canteiro, ou de quem lhe deu a inscripção para elle a abrir.

Transcrevo ainda da citada obra do sr. Hübner a seguinte, extrahida, segundo diz, de Florian del Campo e achada em Idanha-a-Velha: — MODESTO. PROCVLI. F. ||DVTIAE. PVGI. F. RVFINA. RVFI||TONGETAMI. F. MARITO. ET. MATRI. MODESTINA. MO||DESTI. f. f. C. — O que auctorisa a suppor, que esta familia, alliada com os Avitos e com os Rufos, não era menos conhecida do que est'outras nas terras da Lusitania.

Nem tão pouco o era, segundo parece, o nome de *Carisia* outro ramo dos Avitos, de que reza a 5.^a inscripção. Acha-se memoria d'elle, com o cognome de *Quintilla*, em uma outra lapide, que Viterbo viu no mosteiro de Alcobaça, para onde fôra levada do sobre-dito lugar do Vallado. É uma consagração a Minerva, e diz assim: — MINERVAE ||SACRYM. ||IN MEMOR I||AM. CARISI ||AE. G. F. QVIN||TILLAE.||..... NIA.||..... —. Pode ler-se tambem na obra do sr. Hübner, de quem são os italicos. Nas siglas G. F. leu Viterbo *Getulii filiae*. Creio, que mal: os romanos, ou eu me engano, quando queriam designar a filiação de qualquer individuo, não costumavam representar o nome do pai com a simples inicial, senão quando o nomeavam (e este era o modo ordinario) pelo *praenomen* (salvo, se a inicial era commum a mais de um *praenomen*; porque n'este caso, para distincção, lhe juntavam mais alguma lettra) v. g. *Marcus, M. filius* — *P. Cornelius, Cn. filius* etc.; mas se o indicavam pelo *nomen* ou *cognomen*, o que tambem ás vezes faziam, então escreviam estes por extenso: tal era a pratica. E a razão é obvia: os pronomes eram poucos e sabidos de todos; pelo que bastava apontal-

os pelas iniciaes para os dar a conhecer: pelo contrario, os nomes e cognomes numerosissimos, e por consequencia difficil, senão impossivel, entendel-os, uma vez que não fossem representados de uma fôrma mais clara e sensivel. Ora *Getulius* não pertence ao elencho dos pronomes romanos. D'onde tenho para mim, que as mencionadas siglas quererão antes dizer — *Gaii* — (por *laui*, como mais geralmente se escrevia, do mesmo modo que *Gneius* por *Cneius* (*carisii filiae*).

Finalmente Manuel de Faria e Souza¹ faz menção de um P. Carisio, commandante da cavallaria de Augusto nas Asturias.

Usar *Carisia* de *nomen* e *cognomen*, bem como outras mulheres nomeadas n'estas inscripções, dá-nos um tanto a data das mesmas inscripções, isto é, diz-nos, que se pode presumir serem dos tempos do imperio. Com effeito observa-se, que as mulheres romanas, até á queda da republica, poucas vezes se encontram nomeadas de outro modo, que pelo *nomen* apenas: d'ahi por diante quasi sempre por *nomen* e *cognomen* juntamente. Seria isto devido á natural mutabilidade das cousas humanas? Seria puramente capricho feminil ou effeito da mudança de regimen? Quem sabe, se a vangloria, figurando-lhes como uma necessidade o alardearem o esplendor de sua ascendencia, com a mira de attrahirem as atenções da côrte, ou receberem homenagens á similhaça d'ella, lhes inspiraria ao principio esta innovação, que o tempo depois converteu em uso innocente?

Não era menos esclarecido o sangue dos Rufinos: como a *gens Rufus*, da qual parece descenderem, a historia nol-os apresenta exercendo o consulado desde o 3.^o seculo da republica até ao penultimo do imperio do occidente.

Vettius ou *Vectius* (que de ambos os modos se acha escripto) era o nome de uma outra casa illustre de Roma, pertence á ordem dos cavalleiros, e, segundo de T. Livio² se pode colligir, oriunda do paiz dos Volscos. Alem d'outros A. A. em que se encontram individuos d'este nome, Cicero fala com louvor de um L. Vettio Chilon *honestissimo atque ornatissimo* *viro bono*³; e em uma de suas preciosas cartas, de um outro, o qual, posto que de costumes reprehensiveis, tinha com tudo grande influencia politica, e relações com os principaes personagens da republica. Tacito conserva a memoria de Vettio ou Vectio Bolano, commandante de uma legião na Armenia no tempo de Nero⁴; o mesmo, segundo parece, que o eminente historiador depois apresenta como governador da Bretanha (a Inglaterra) imperando Vitellio,⁵ com este elogio: *innocens Bolanus et nullis delictis invirus, caritatem paraverat loco auctoritatis*. — Finalmente o nosso Car-

¹ Europ. Port. T. I. P. II. 15.

² L. IV. 28.

³ In. Verr. VIII. 71.

⁴ Ann. XV. 3.

⁵ Hist. II. 65. — *Vita Agric.* 8 e 16.

¹ Elucidario — art. Alcobaça.

² Mon. Lusit. P. II v 3.



Est. 17.

Fragmento de uma inscripção Árabe achada em Portugal.

vaes, citando a collecção de lapides romanas de Mas-deu, nomeia certo M. Vetio Valente, da tribu Aniense, procurador da Lusitania por Nero: talvez filho, me lembro eu, ou ao menos parente, d'aquelle medico Vettio Valente, a quem as desordens de Menalina tornaram tão miseravelmente célebre.

V

7.^a

LABEIAE. L. F. FALLAE
FLAMINICAE EBORESI.
FLAMINICAE PROV. LVSI
TANIAE IMPENSAM FVNE
RIS. LOCVM SEPVLTVRAE
ET STATVAM. D. D. COLLI
P PONESIVM DATAM L.
SVLPICIVS CLAVDIANVS

Esta lapide dizem que estava no frontispício da egreja de Santo Estevão de Leiria. Diogo Mendes de Vasconcellos, de quem a copiei, afirma que a viu. Hoje não existe lá: desapareceu sem duvida entre os annos de 1507 e 1583, em que o templo antigo foi demolido, e edificado o que actualmente existe.

Acha-se tambem em Brito,¹ mas com alguma differença tanto na distribuição das palavras por cada linha, como na escriptura das palavras EBORESI e COLLIPONESIVM, as quaes o chronista emendou para EBORENSI e COLLIPPONENSIVM; talvez por não advertir, que em palavras analogas de outras inscripções da decadencia da lingua não é raro encontrar a mesma omissão da consoante *n*: omissão que, com outras mais alterações, pode, em meu humilde entender, attribuir-se á progressiva transformação das formas latinas nas dos idiomas que ao latino succederam.

Vem igualmente na obra do visconde de Paiva-Manso; porém, ao que parece, copiada de Brito; e ainda o A. alterou-a tambem um pouco na distribuição das palavras; de sorte que nem ficou conforme á de Vasconcellos, nem exactamente como a do monge cisterciense.

Qual das tres copias seja a mais perfeita, não pode com certeza dizer-se, por se não saber, creio eu, onde pára o original. Eu preferi, como já declarei, a do primeiro, por elle fallar como quem o viu. Brito teve noticia d'ella por Vasconcellos; do qual é mui natural a recebesse tambem Gruter, d'onde a trasladou o sr. Hübner para as notas do seu curioso trabalho. Manuel de Faria e Souza dá sómente a traducção.

A lição é esta: — *Laberiae, Lucii filiae. Gallae, flaminicae eboren. flaminicae provinciae. Lusitaniae impensam funeris. locum sepulturae et statuam. decreto. decurionum collipponesium datam Lucius Sulpicius Claudianus.* — A traducção: — *Lucio Sulpicio*

Claudiano fez á sua custa o funeral, deu logar para a sepultura, e levantou esta estatua, que lhe foi concedida por decreto dos decuriões de Collippo, a Laberia Galla, filha de Lucio, flaminica de Evora e da provincia da Lusitania.

Tem esta inscripção, entre outros meritos, o de por ella se poder corrigir e encher a que segue, achada em S. Sebastião do Freixo, e pelo sr. Hübner extrahida, segundo elle diz, de um manuscripto da Universidade de Coimbra, que tem por titulo — *Noticias sobre Leiria e seu termo, remettidas no anno de 1721 á Academia Real de Historia Portugueza.*

8.^a

sACRVM. DIS. MANIBVs.
Q. NAEVI. D. F. QVIR. RVFINI.
COLLIP. AN. CLAVdia
SILVANILLA. L F L SVN
VS. CLAVDIANVS.

Sacrum dis Manibus. Quinti Naevi. Decimi. filii. Quirina. Rufini. Collipponensis. annorum. . . Claudia. Silvanilla. Lucii. filia. Lucius. Sulpicius Claudianus. — Traducção: — *Claudia Silvanilla, filha de Lucio, e Lucio Sulpicio, Claudiano consagram esta memoria aos deoses Manes de Quinto Nevio Rufino, filho de Decimo, da tribu Quirina, cidadão de Collippo, que morreu de idade de . . . annos.*

Effectivamente, comparando-se uma com a outra, vê-se de plano, que aquelle conjuncto de letras LFLS VN, arranjado provavelmente por quem primeiro leu a inscripção na lapide, mas que nada significa, se reduz, com o mais que segue, a L. F. L. SVLPICIVS CLAVDIANVS, o mesmo individuo, quasi se pode affirmar, que fez as honras e despezas da sepultura a Laberia Galla.

A mesma Laberia, mui provavelmente, diz respeito est'outra, que ainda ha poucos annos se via, e creio se vê ainda, posto que bastantemente mutilada, na capella da torre, logar da freguezia do Reguengo, nas cercanias de Leiria.

9.^a

ANN
LABERIA L. FMX
FILIAE PIENTI

— Annorum Laberia, Lucii filia, ma (ter) filiae pienti (ssimae). — Traducção: — *A sua piedosissima filha que morreu de . . . annos . . . mandou fazer este monumento Laberia, filha de Lucio.*

Pela parte superior deve faltar ao menos uma linha, que conteria o nome da fallecida; e por baixo da 3.^a outra, talvez, ou duas, com as formulas usuaes F. ou P. C., e S. T. T. L. o X da 2.^a linha tenho para mim que está alli erradamente, e que deve ser com certeza

¹ Mon. Lusit. P. 1. III. 7.

um A: talvez engano do artista que lavrou a inscrição, ou desculpavel equívoco do amigo que me obsequiou com ella, por não se achar a letra já bem distincta no marmore.

Esta inscrição é inédita, creio eu.

Não se pode negar á flaminica Laberia o titulo de pessoa de excellentes qualidades e geralmente respeitada; não só porque nas colonias e municipios as magistraturas e sacerdocios costumavam ser deferidos ás pessoas mais auctorizadas do sitio, mas tambem porque a honrosa memoria que de si deixou, tanto em Collippo, onde morreu e teve uma estatua, como em Evora, onde em tempo de Resende Vasconcellos (1493 a 1599) existiam ainda duas dedicações lavradas em homenagem sua, nos veda fazer-lhe tal injustiça.

Com tudo o nome de *Laberio*, que devia ser o *nomen* de seu pai, parece não remontar a mui alta antiguidade. Eu não me lembro agora, senão do mimographo D. Laberio, a quem Cesar elevou á ordem equestre; mais conhecido talvez pelo caso que a este proposito lhe aconteceu com os cavalleiros romanos, e pela espi-rituosa resposta com que deixou fulminada a esperteza de Cicero,¹ do que pelo primor, segundo dizem, de suas producções litterarias.

Do cognome *Gallo* tenho presente o infeliz Cornelio Gallo, governador do Egypto por Augusto, e mimoso poeta elegiaco. Virgilio o immortalizou em versos repassados da mais terna sympathia. Depois d'elle alguns consules no imperio. Quanto a mulheres, a historia menciona Sosia Galla, esposa de C. Silio, sacrificada á barbaridade de Tiberio; e Arria Galla, mulher do celebre Pisão da côrte de Nero, *solâ corporis formâ commendata*.²

As dedicações a que me referi acima são conhecidas. A 1.^a vem na citada obra de Rezende; a 2.^a talvez em todos os AA. antigos e modernos que se teem occupado d'este assumpto: todavia para poupar trabalho aos amadores, que por ventura leiam este artigo, e tenham, como eu, poucos livros, dal-as-hei tambem aqui: 1.^a — LABERIAE. L. F. || GALLAE || FLAMI || NICAE. MVNIC || EBORENSIS. FLA || MINICAE. PRO || VINCIAE LVSITANIAE. — 2.^a — LABERIAE. L. F. || GALLAE. FLAMI NICAEMVNIC. || EBORENSIS. FLA || MINICAE PROVIN CIAE || LVSITANIAE || L. LABERIVS ARTEMAS || L. LABERIVS || CALLAECVS || L. LABERIVS. ABSCANTVS || L. LABERIVS. PARIS || LABERIVS. || LAVSVS. LIBERTI.

VI

Vê-se das inscrições de Laberia, e de outras que, por não entrarem no meu plano, passo em silencio, que nas provincias e nos municipios, além dos *flamines* e *flaminicas* de uma determinada divindade, como em Roma, havia juntamente outros *flamines* e *flaminicas*,

revestidas de um sacerdocio mais amplo, a quem chamavam *flamines* e *flaminicae provinciae* e *municipii*; e porque não consta, quanto a mim, que nas provincias houvesse collegios de *pontifices*, conjecturo eu, que esta segunda especie de *flamines*, eleitos, como os primeiros, de entre as pessoas mais qualificadas do municipio, representariam n'ellas os *pontifices* da metropole; ao menos n'aquella parte de suas attribuições que consistia em velarem pela conducta dos outros sacerdotes no tocante ao culto.

Tambem com os *flamines* se não devem confundir os *augustaes* (*augustales*), outra ordem de sacerdotes, de que se fala em muitas inscrições. Estes eram privativos da familia Julia, instituidos por Tiberio; ¹ aquelles de uma divindade qualquer, pertencesse ou não a esta familia, e a sua instituição remonta ao primeiro seculo de Roma. Em André de Rezende faz-se menção de um *flamen divi Augusti*, e na obra do sr. Hübner de dois da mesma familia, um de Julia Augusta, e outro de Tiberio!

A proposito d'este vou avançar uma conjectura, a qual peço se me releve. Como se sabe, era uso nas provincias levantar templos aos imperadores ou pessoas da sua familia; e Tacito refere,² que os povos da Hespanha *ulterior* mandaram a Roma pedir licença, para, a exemplo dos da Asia, construir um em honra de Tiberio, ainda vivo, e de sua mãe. Ora do mesmo historiador se collige, posto que o não affirma positivamente, que a licença não foi concedida; mas, como um sacerdote suppõe um templo, ou ao menos um altar, quem nos diz a nós, que, apezar d'isso, os mencionados povos, attento o caracter dissimulado e dobre de Tiberio, não interpretaram a recusa por uma muito voluntaria permissão, persistindo em edificar o templo; e que o flamine, de que se tracta, o não era n'este mesmo templo?

VII

O visconde de Paiva-Manso transcreveu de Gruter e de um manuscripto da Academia das Sciencias de Lisboa a seguinte dedicação a Trajano, achada, segundo se diz, nas ruinas de Collippo:

10.^a

IMP. CAESARI. DIVI. NERVE. F.
NERVAE. TRAIANO. OPTIMO. AVG.
GERM. PARTHICO. DACICO. PONTIF.
MAXIM. TRIBVN. POTEST. XVIII.
IMP. XI. COS. VI. P. P. ADM. F. V.
P. P. D.

Imperator. Caesar. Divi. Nerve (por Nervae) filio Nervae Traiano. optimo, augusto germanico. parthico dacico. pontifici. maximo tribunitia potestate undevi-

¹ Sen, *Declam.* L. III. 18.

² Tac. *Ann.* xv. 59.

¹ Hist. II. 95. — Ann. I. 54.

² Id. Ann. IV. 37.

cesimùm¹ imperatori undecimùm consuli sextùm patri patriae, ad memoriam. felicis victoris (ou *fecerunt volentes*) *pecunia. publica.* (ou *privata*) *decuriones* (ou *dedicata.* — Traducção: — Ao Imperador Cesar Nerva Trajano, optimo, augusto, germanico, parthico, dacico, pontifice maximo, com poder tribunicio pela 19.^a vez, proclamado imperador pela 11.^a, eleito consul pela 6.^a, pai da patria, fizeram de boa vontade este monumento com dinheiro publico (ou particular) os decuriones — Ou: — Dedicada, com dinheiro publico (ou particular) ao Imperador pai da patria, para memoria de sua felicidade e triumphos.

Esta inscripção devia ter pertencido a alguma esttua, columna, arco, outro monumento qualquer. Nem Brito, nem Faria e Souza, que trazem outras do mesmo imperador, nem ultimamente o sr. Hübner, dão noticia d'ella. Hoje não ha vestigios nem em Leiria, nem em S. Sebastião, que eu saiba.

Foi lavrada no anno 117 da era christã, 878 da fundação de Roma; que foi o anno em que aquelle principe completou 19 de reinado, e recebeu pela 19.^a e ultima vez, porque morreu n'esse mesmo anno,² a investidura do poder tribunicio.

É mais moderna, que a da famosa columna de Roma (se é exacta a copia que tenho á vista), dois annos apenas; porque esta foi feita no anno em que o imperador teve pela 17.^a vez o poder tribunicio, que foi tambem o 17.^o do seu governo, e a de Callippo no 19.^o, 4 depois do seu 6.^o consulado no de Roma 864, da era christã 113.

O socio correspondente

(Continúa)

VICTORINO DA SILVA ARAUJO.

Noticia dos nomes das obras dos architectos civis mais notaveis da antiguidade e dos tempos modernos pertencentes a diversas nações.

(Continuando do n.º 9 pag. 143)

Hollandez — Bruinsma construiu a villa do Barão Van Lyden — 1849.

Italiano — Brunelleschi o insigne architecto do zimbório da cathedral de Florença — 1446.

Allemao — Brunsberg, architecto em Brandbourg — 1401.

Flamengo — Bruyn, architecto da grande Praça de Bruxellas — 1698.

Italiano — Buccio, architecto em Florença, — 1543.

¹ Nos dictionarios que tenho á mão não encontrei este adverbio, nem o outro, *undecumùm*, que se segue: entretanto parece-me que deviam existir, pela mesma razão porque existiam *primùm*, *iterum*, *tertiùm* &c, de uso solenne em designações analogas, por isso que existem os signaes. Devia esta satisfação aos latinistas.

² Eutrop. viii. 2.

Flamengo — Bulland (João) architecto do palacio das Tuilherias — 1568.

Francez — Bullet, architecto da Porta de S. Martinho em Paris, — 1671.

Allemao — Bundelich, architecto em Passau, — 1465.

Francez — Buon (senior) architecto em Veneza, — 1442.

Hollandez — Buon (junior), architecto em Veneza, — 1517.

Flamengo — Buonaroti, (Miguel Angelo) celebre architecto de S. Pedro em Roma, — 1565.

Flamengo — Buontalenti, architecto em Roma, — 1564.

Inglez — Burges (W), idem da nova cathedral em Emdenburg — 1874.

Allemao — Buring, architecto do novo palacio de Potsdam — XVIII seculo.

Allemao — Buskelus — idem da cathedral de Pisa — 1013.

Belga — Buyck — architecto da fachada da igreja de S. Salvador de Burges — 1843.

Portuguez — Caetano Thomaz, architecto do igreja e do palacio real das Necessidades — 1743.

Romano — Caius Mutius, architecto do Templo á Honra e á Virtude, em Roma — 104 annos ant. J. C.

Italiano — Calenderi, um dos architectos do palacio dos Doges em Veneza, — 1340.

Grego — Callicrate, um dos architectos do Parthenon, Athenas — 438 ant. J. C.

Grego — Callimaque, inventor da Ordem Corinthia — 415 ant. J. C.

Hollandez — Camberlain (José) construiu a Escola Militar em S. Petersbourg — 1821.

Italiano — Campan, architecto na Normandia — 1402.

Inglez — Campbell (C.) architecto, construiu o Wanstead House.

Hollandez — Campen (Jacob Van), insigne architecto, construiu o palacio real em Amsterdam — 1657.

Italiano — Campi, architecto e auctor em Crémone — 1591.

Francez — Camus (Le) construiu o edificio para o Terreiro do Trigo em Paris — 1750.

Flamengo — Canchie, architecto em Antuerpia — 1591.

Italiano — Canevari (Antonio) delineou um projecto para o palacio real de Mafra — 1717.

Portuguez — Cangalhas (F. Ferreira) construiu diversos edificios em Lisboa — 1732.

Italiano — Carlos Maderno delineou a fachada da Basilica de S. Pedro em Roma — XIII seculo.

Portuguez — Carlos Mardel construiu o palacio em Oeiras do Marquez de Pombal — 1758.

- Francez* — Carlos Fontaine,¹ membro do Instituto, architecto da galeria executada a primeira em ferro e chrystal no Palacio Real de Paris, e tambem da sala de baile no palacio real das Tuilheries. — 1829.
- Portuguez* — Carlos Fontana, architecto d'el-rei D. Pedro II — 1684.
- Francez* — Carlos Garnier habil architecto do sumptuoso theatro da Grande Opera de Paris — 1875.
- Francez* — Carlos Percier,² membro do Instituto, architecto do Arco Triumphal do Carrossel em Paris e auctor de grande me-recimento — 1836.
- Hespanhol* — Castayls, architecto da cathedral de Tarragona — 1275.
- Portuguez* — Carneiro (M. José), professor na academia das Bellas Artes do Porto — 1842.
- Portuguez* — Carreira, architecto da cidade do Porto — 1329.
- Portuguez* — Carvalho (Pedro) concluiu a construcção do convento da Madre de Deus — 1551.
- Portuguez* — Carvalho (Eugenio dos Santos) architecto, delineou e construiu a Praça do Commercio de Lisboa — 1770.
- Portuguez* — Castilho (João), architecto da Casa Real, construiu as naves da egreja do convento de Belem — 1522.
- Italiano* — Cellini di Nise, architecto em Pistoja — 1339.
- Francez* — Cerceau (Du) construiu parte do palacio de Louvre — 1548.
- Francez* — Cezar Daly, auctor moderno muito distincto — 1876.
- Francez* — Chabrol (Pedro), architecto do Seminario de Tulle — 1875.
- Francez* — Chalgrin construiu muitas igrejas em França — 1769.
- Inglez* — Chambery (W.) architecto de Somerest — House em Londres — 1796.
- Inglez* — Champion (W.) restaurou a igreja de S. Pedro em Oxford — 1875.
- Francez* — Chardon, architecto em Fécamp.
- Francez* — Charles (d'Aviler), architecto do Arco Triumphal de Montpellier e auctor — 1653.³
- Francez* — Charles de Fleures construiu o antigo theatro da Grande Opera — 1805.

(Continua)

Architecto — J. DA SILAA.

¹ O architecto portuguez J. P. N. da Silva foi um dos seus ajudantes n'estes trabalhos, quando regressára da Italia.

² Um dos professores do architecto J. P. N. da Silva, em Paris.

³ No seu dicionario de architectura na palavra — *Hardi* — cita a temeraria abobada do cruzeiro da igreja monumental de Belem.

INSCRIÇÃO ANTIGA ARABE

Não são vulgares as inscrições gregas em Portugal, todavia não é tanto para estranhar essa falta, como é sem duvida serem raras as que pertencem aos arabes e aos hebreus, quando estas duas raças por tantos seculos habitaram o solo nacional. Já tivemos a fortuna de haver descoberto nma importante inscrição antiga hebraica, que foi publicada no 5.º numero d'este *Boletim*; sendo esta a segunda achada no nosso paiz, e composta de maior numero de vocabulos do que a inscrição existente em Evora.

Podêmos hoje offerecer aos nossos consocios um fac-simile de uma outra em arabe, (estampa n.º 17), esculpido em relevo em marmore branco e foi descoberta em Mertola, tendo 0,35 centimetros de altura¹, que pela bella conservação dos seus caracteres e igualmente pela extrema raridade de semelhantes exemplos epigraficos conhecidos em Portugal, merecerá maior apreço dos archeologos; pois nós não temos noticia de haver senão mais duas de igual origem, uma encravada em uma parede na cidade de Evora, e outra composta apenas de sete palavras na parte externa da igreja da Sé Velha de Coimbra: portanto esta que publicamos é a mais interessante, tanto pela sua referencia, como pela perfeição como fôra esculpida.

Parece pelo desenho occupar um vão de fôrma de uma arcada fingida, a qual pela sua curva de feitiço de *ferradura*, typo o mais caracteristico da architectura arabe, nos faz suppôr que cobriria todo o espaço comprehendido dentro do vão da referida arcada, o que nos indicaria ter pertencido a um importante edificio, construido pelos sarracenos n'aquella antiquissima cidade. É para sentir ser tão pequeno este fragmento, pois que não nos elucida a que qualidade de edificio pertenceria, porque sabemos quanto os arabes eram prodigos em ornar com citações de preceitos moraes as suas principaes construcções, além das laudatorias ao Ente Supremo, que a sua seita costumava fazer estampar sobre as paredes de suas mesquitas; todavia, mais devemos estimar possuir este exemplo epigraphico de tão remota era, e de um dos antigos dominadores do solo portuguez.

J. DA SILVA.

NOTICIA

Ácerea do orgão da Real Basilica de Mafra

(Continuado da pag. 157)

A primeira mesa, isto é, a mesa inferior, tem tantos conductores de ar quantas são as teclas no teclado;

¹ Em Evora no templo de Diana, actualmente servindo de museu de archeologia.

e na parte inferior de cada um dos conductores, estão as valvulas que abrem pelo simples movimento da tecla; e o vento, impellido então pelos folles, dá o som aos tubos cujos registros se acham abertos; pela parte de baixo d'esta mesa está a caixa ou deposito do ar, onde estão ligadas as valvulas que se communicam ao teclado. Na segunda mesa ha tantas regoas moveis quantos são os registros; estas regoas teem, em toda a sua extensão, um numero de furos igual aos tubos que admite, e constituem os registros, estabelecidos á direita e esquerda do teclado, ao alcance da mão do tocador, e combinados de fôrma que, dado o impulso ao registro, a regoa correspondente avança até ao lugar em que os furos coincidem com os da mesa superior e inferior; da mesma sorte, retirando os registros, é interrompida a comunicação entre as duas mesas, e o ar por esse registro não passa aos respectivos tubos.

Na terceira mesa, ou mesa superior, ha tantos orificios quantos os tubos de pequenas dimensões, correspondentes a todos os registros; estes orificios coincidem exactamente com os da primeira e segunda mesa.

Todas as caixas, reservatorios, canaes e valvulas são forrados de pellica, a fim de que, conservando-se tudo hermeticamente fechado, o ar não possa escapar-se.

Os tubos ou canudos do órgão, verdadeiros instrumentos onde se produzem os sons, são de folha de estanho, ou composição de estanho e chumbo, e de figura conica; alguns ha de madeira, e estes dão os sons graves, e os dos tambores. O numero total dos tubos é proxima-mente de 2:000; alguns são tão pequenos que não excedem as dimensões de um lapis.

Encontra-se tambem um grande numero d'elles com a campanula tapada, e tendo apenas um pequeno orificio; estes produzem sons mais fracos, porém muito suaves.¹

Finalmente os folles e os conductores pneumaticos constituem a ultima parte d'essas importantes machinas. Os folles são quatro: estas peças são compostas de duas pranchas de madeira, unidas em uma das extremidades por dobradiças de ferro; os tres outros lados são cobertos de pellica, pregada a umas laminas de madeira de fôrma a produzirem o bem conhecido effeito dos folles. Na prancha da parte inferior ha uma valvula da largura de 0^m,22 em quadrado, destinada a absorver o ar quando a prancha superior levanta; descendo esta, e fechada a valvula, o ar sae por um tubo adaptado ao grande canal pneumático, e d'ahi por outros conductores é levado aos sommeiros. Os folles são

¹ Nos tubos ha a distinguir: — CORPO, parte superior do tubo — BOCCA, fenda pela qual o vento passa para o tubo — LABIO, parte comprimida no cylindro, — PÉ, parte que entra no sommeiro — EMBOCADURA, lamina soldada ao corpo e ao pé do tubo para dar passagem ao vento.

postos em movimento por meio de alavancas ordinarias.

Eis em resumo, e segundo as minhas poucas forças, uma noticia dos grandes órgãos da basilica de Mafra. Estes órgãos tocaram outr'ora conjuntamente, e existem ainda musicas escriptas para todos seis. Devia ser magestoso o effeito produzido pelos sons de milhares de instrumentos derramando-se no espaço, e repercutindo-se nas immensas abobadas do templo. Hoje, quaes proscriptos, eil-os como abandonados.

O systema de construcção d'estes órgãos é, segundo os homens da arte, o systema portuguez ou antes o systema inglez, modificado pelos habéis artistas Machado e Fontanes. Estes homens crearam uma escola propriamente sua, e ha d'elles diversas construcções que pouco divergem das regras prescriptas por Lichenthal, e Gervasoni. A Dom Bedes de Celles deve-se um tratado sobre a construcção de órgãos: *l'art du facteur d'orgues*. Hamel publicou tambem um excellent tratado: *Manuel du facteur d'orgues*.

Não somos nós o povo mais pobre de objectos de arte, e aquelles que possuímos devemos conserval-os. De todos os monumentos de Portugal, o de Mafra é o mais grandioso; a sua mais bella peça é o templo, e no templo, e bem a caracter, ostentam-se os seis órgãos, dando-se ainda a circumstancia de serem obra nacional. «Um paiz, disse ha pouco o sr. marquez de Souza, não é só rico dos seus caminhos de ferro, das suas estradas, dos seus bancos; no seu activo devem ainda entrar os monumentos que produziu o genio do homem, e entre estes occupam eminente lugar as creações artisticas. Possuil-as é uma gloria, mas conserval-as é indubitavelmente um dever.»¹

Mafra, 3 de Fevereiro de 1876.

JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES.

Socio correspondente da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.

CHRONICA

Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando dignou-se offerecer á Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, da qual Sua Magestade é Presidente Honorario e Augusto Protector, um grande busto com a sua real effigie para a sala das sessões, o qual ornava a preciosa galeria do real palacio das Necessidades. Esta honrosa dadiva manifesta mais de uma vez o quanto El-Rei preza esta artistica associação, e estima a sua crescente prosperidade e credito: muito gratos se confessam os seus socios por tão grande

¹ Observações sobre o actual estado do ensino das artes em Portugal.

distincção que receberam de Sua Magestade, e o seu reconhecimento ficará perpetuo entre os seus associados.

* * *

No dia 15 de julho ultimo teve lugar em *Bayeux* (França), a inauguração da estatua em marmore do afamado archeologo Mr. de Caumont, a cuja solemnidade concorreram as auctoridades civis e religiosas e as principaes associações scientificas de França, e tambem um grande numero de sabios estrangeiros; musicas e illuminações, tudo concorreu para abrilhantar aquella festa em gloria do celebre auctor do curso de archeologia, ao qual os seus collegas nacionaes e estrangeiros lhe erigiam um condigno monumento, que passará á posteridade como um sincero preito de admiração pelo seu extraordinario talento e saber, e egualmente em reconhecimento pelos eminentes serviços prestados, no seculo XIX, aos estudos de archeologia.

Depois do *Te Deum*, tendo sido officiado pelo respectivo bispo na magestosa cathedral, illustrada pelo saber de Mr. de Caumont; cujo templo estava magnificamente ornado, e cheio de pessoas que o mesmo sentimento de devoção levava ali para render graças ao Todo Poderoso pela solemnidade nacional que se ia manifestar ao cidadão bemquisto, ao principe dos archeologos. O ex.^{mo} bispo proferiu uma eloquente allocução, e entre os seus mais elegantes periodos expressou-se por esta maneira: — *O impulso dado por Mr. de Caumont ao estudo das antiguidades nacionaes; a maneira pela qual soube tornar este estudo facil e attractivo; o numero de discipulos que formou pelo seu profundo saber, e pelo seu excellente methodo; devendo-se á sua iniciativa tão fecunda e sympathica o ter-se divulgado tantas riquezas artisticas ignoradas pelos seus concidadãos, fazendo reviver as bellezas dos monumentos que com tanto zelo e intelligencia os descrevia, que fez despertar o gosto pela arte, ensinando-nos a maneira segura de ler nos detalhes da architectura o pensamento elevado dos nossos antepassados, e a podermos restabelecer aquillo, que o correr dos tempos havia destruido, ou a ignorancia os tinha alterado de seu character primitivo; por tão assignalados serviços era digno da nossa admiração e credor do reconhecimento nacional Se nós desconhecemos ou tivéssemos esquecido tão importantes serviços prestados á architectura religiosa por Mr. de Caumont, talvez se suppozesse da nossa parte, e n'esta circumstancia, de lhe termos faltado ao tributo especial da nossa gratidão, etc., etc.*

Em seguida, entre alas de guarda de honra, desfilaram em procissão todas as auctoridades, associações e os outros convidados e povo, dirigindo-se á praça para saudarem a effigie do benemerito sabio, tirando-se-lhe o véu que cobria a sua estatua, a qual mais de vinte mil pessoas saudaram com entusiasticos applausos.

À noite *toda a cidade se illuminou* de uma maneira mais vistosa, dizendo o jornal o *Indicador de Bayeux*, que parecia estar ella incendiada.

Muitos discursos se recitaram junto d'este monumento, nos quaes todos proclamavam o saber do illustre varão e os serviços valiosos e inexciveis que havia prestado ás investigações archeologicas, e haver illustrado pelas suas sublimes obras este estudo scientifico em todo o mundo.

As nações que se prezam de ser civilisadas não deixam passar seculos para tributarem aos seus insignes cidadãos a reconhecida admiração pelo seu saber e merecimentos; pois não só essa ingratidão seria desdouro para uma nação, como tambem desmereceria na opinião dos povos mais cultos a veneração a que teriam jus, se olvidassem a memoria de quem lhes déra fama e gloria.

* * *

O nosso digno socio correspondente, o cavalheiro Aria, annuiu ao nosso empenho, havendo-nos offerecido do seu rico museu etrusco de Marzabotto, alguns objectos de bronze de grande apreço; entre elles ha um bracelete de bronze (torque), composto de seis nós, que era grande distinctivo de quem o usava, assim como *fibules* do mesmo metal; sendo os objectos d'esta qualidade e procedencia os primeiros que ha em Portugal, os quaes estão expostos no museu de archeologia do Carmo. Receba portanto tão opulento e insigne amator os nossos agradecimentos pelos preciosos specimens com que dotou o nosso museu.

* * *

Podemos alcançar ao cabo de doze annos a unica e elegante janella do estylo do renascimento, que havia em Santarem composta de uma bella columna da ordem corinthia, com estrias, e no terço inferior cheia de ornamentos em relevo, assim como duas pilastras do mesmo genero, e entablamento completo, sendo dezenove o numero d'estas pedras.

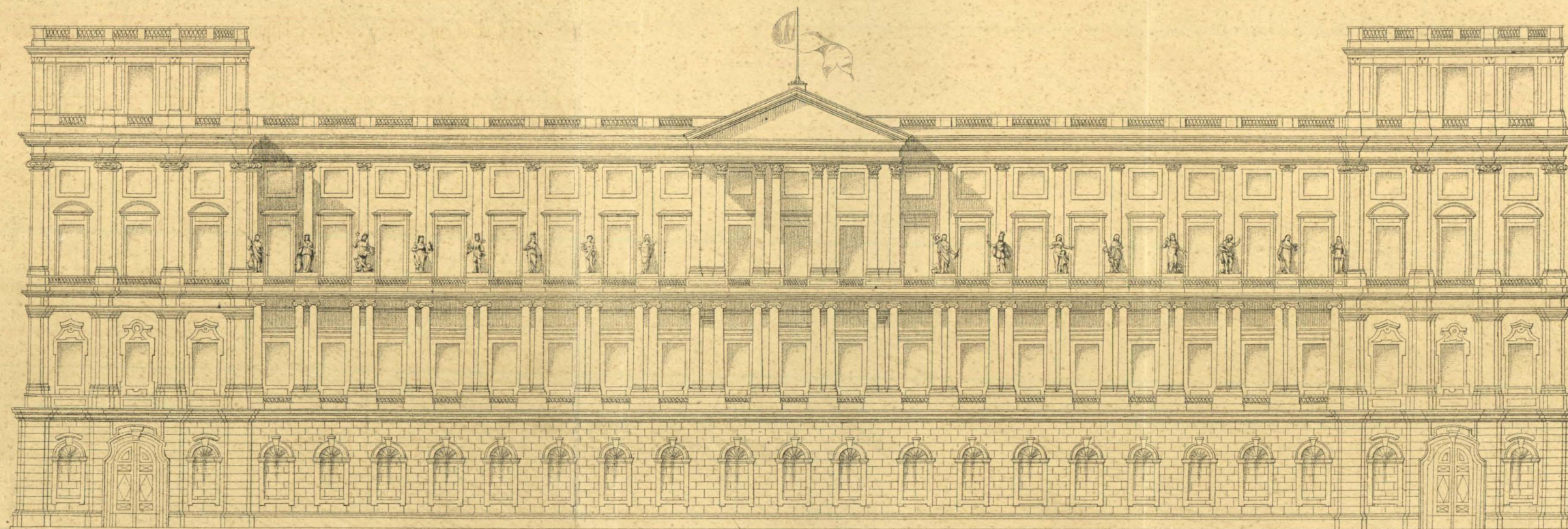
Estava collocada no angulo de um predio, e pela sua linda composição attrahia a attenção dos verdadeiros apreciadores de esculptura d'aquella época.

J. DA SILVA.

Maneira facil de se conhecer se a areia é salgada

Tome-se uma porção qualquer de areia e ajunte-se-lhe dois volumes de agua, depois de se ter agitado o liquido, decantal-o e fazel-o ferver até ficar reduzido á metade; quando estiver frio prove-se e o seu sabor indicará a sua qualidade.

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES



Escala na razão 1 por 1:500

0 5 10 15 20 25 30 35 40 45 50 Metros

—Est 18—

Projecto para a conclusão do Real Palacio da Ajuda

—PELO—

Architecto Joaquim Possidonio Narcizo da Silva

—EM—

—1834—